

Euclides da Cunha

E O

Século

RAMAYANA DE CHEVALIER

Ramayana de Chevalier

EUCLYDES DA CUNHA E O SÉCULO

Discurso de posse à Cadeira n.º 2, da Academia
Amazonense de Letras, com a saudação ao recipien-
dário pelo Acadêmico Djalma Batista.

Manaus — Amazonas
1960

UM MINUTO, APENAS

Essa noite memorável, em que se recebeu, na Academia Amazonense de Letras, a Walmik Ramayana Paula e Souza de Chevalier, na cadeira número 2, cujo patrono, Euclýdes da Cunha, jamais se olvidará dos nossos fastos mais puros e mais belos. O salão à curha, o Conjunto Musical "Orpheus", homenageando à posse acadêmica de um dos maiores oradores do Brasil; a fina flor da gente amazonense presente; o Governador Gilberto Mestrinho e todo Secretariado, a rigor; a Igreja, pelo seu antistite; o Silogeu em maioria; o ambiente engalanado; sôbre a mesa uma toalha italiana, os vasos chinêses da Dinastia Ming, oferecidos da coleção do "Teatro Amazonas". Um encanto! Ramayana subiu à tribuna com suas condecorações: — a da "Campanha do Atlântico Sul", da Fôrça Aérea Brasileira, e a da "Ordem Nacional do Mérito", da República do Paraguay.

O Secretário das Finanças, sr. Antonio Madeira, filmou, pessoalmente, tôda a cerimônia, a côres.

Ao início da sessão solene, o presidente da Academia, Desembargador Leôncio de Salignac e Souza, num empolgante improviso, disse da estranha e rutilante personalidade do acadêmico que, naquele momento, se empossava. As suas palavras traduziram o sentimento do Amazonas, e quiçá do Brasil, representado naquele instante por um pugilo de homens de letras e de criaturas de fina sensibilidade.

O que se vai ler, se constituiu um magistral estudo de Ramayana de Chevalier, sôbre Euclýdes da Cunha, atual, vibrante, arrojado, sincero e alto, deixou, na assistência atônita, uma emoção indelével.

Foi o despejar de um talento animado, vigoroso e poliédrico, dono de uma cultura invulgar, que significa, para nós amazonenses, um galardão de nossa terra, um motivo de perenal orgulho para a nossa mocidade.

Ramayana professor, escritor, conferencista, orador, jornalista, médico, poeta, cronista sutil e forte, em tôdas essas facetas êle revela a inteligência surpreendente e fértil, exaltando à sua terra e aos seus conterrâneos, nos tropos mais vivos de acendrado amor pelo seu berço.

Publicando seu discurso e o de seu paraninfo, Acadêmico Djalma Batista, homem de letras e de ciência, colega de Ramayana, formado na mesma Faculdade de Medicina da Bahia, um dos brilhantes espíritos do nosso Estado, diretor do Instituto de Pesquisas da Amazônia, em separata, o fazemos cumprindo determinação do Senhor GOVERNADOR DO ESTADO, num prêmio e numa louvação a um dos nossos mais eminentes intelectuais patrióticos.

Associando-nos, pois, a êsse justo e elegante cometimento, consagramos, nestas modestas palavras, o júbilo que se apossa de nós, amazonenses, como

EDITORES.

EUCLYDES DA CUNHA E O SÉCULO

Raramente surgirá, entre os alcantis cerebrais do Brasil, um gigante tão vivo e tão firme como Euclýdes da Cunha.

Ao assumir o compromisso de falar-vos, retribuindo-vos a excelso justificação de minha escolha, enflori o coração por duas vèzes: — uma, na qual via derruidos os tabus e as verminas, provincianas e mesquinhas, que paliçavam esta admirável Casa da Inteligência; a outra, enfrentando, com a alma em júbilo, a tarefa de mergulhar no oceano profundo da vida de Euclýdes da Cunha, de onde eu surgiria, coroado de pérolas, como um polinésio.

A Cadeira Número Dois, dêste círculo de pensadores, era, para meu espírito, um escrínio. Não se havia criado para ficar vazia, e, se ocupada como o foi, por um dos mais vertiginosos talentos do nosso tempo, êsse imortal e magnífico Adriano Augusto de Araújo Jorge, cujo nome eu pronuncio de joelhos, de logo, na reflúencia dos fenômenos físicos, arrastaria no seu fascínio àqueles que vivem da eviterna admiração ao grande morto. Sim, haveria eu de rumorejar, adentro a mais cálida perpetuação de simpatia, o nome de Adriano Jorge, cujo calor pensamental ainda sinto na cátedra de agora, homem que era um coração a estilhaçar inteligência, dono da vida de centenas de homens desta terra, gigante do caráter e do amor, que não ficou

em obras escritas, como Jesus jamais o fez por sua própria mão, mas que se eternizou nos romances inapagáveis da gratidão, da bondade e, acima de tudo, do deslumbramento verbal mais estonteante! Foi um homem de honra e de caráter, engastado numa cultura surpreendente e onimoda. Junto a mim ele estará na noite de hoje, perfilado como um cavaleiro andante, a louvar o Amazonas, a enobrecer o Brasil.

Em plano destacado, comoveu-me o nome que apontastes para receber-me. Nossa tribo reconhece no dr. Djalma Batista, uma inteligência fulgurante, um espírito tocado da graça e da beleza, uma das exuberantes criações d'êste vale equatorial, tão inédito nos seus arroubos naturais. Cientista pesquisador, faz-me lembrar êle, na sua radiosa juventude, os tempos em que eu grimpava o cimo das maretas acadêmicas, na velha Bahia, ambos, como Olavo das Neves, oradores de nossas turmas, ambos amazenses, eu no meu tempo ardente e perigoso, êle no remanso de uma paz harmoniosa, aonde ressoavam, tristes e simples, os imensos vulcões que sublam das ladeiras e dos subsolos da cidade colonial.

Agradeço-vos, pois, a escolha de Djalma Batista. E vejo nisso, nesta expressão rude e escarnada de minha observação cabocla, uma homenagem a um coração que ambos amamos, um grande coração enraizado até à medula nesta terra inigualável, o coração infatigavelmente bom do seu pai, essa árvore frondosa de ternura e de sinceridade, símbolo da nossa doçura tropical, esta hospitalidade humilde de jacumaúbas! No braço d'êsse jovem médico e literato escorreito e brilhante, deve estar esculpida a marca inapagável da nossa devoção legítima. Seria justo que, no seu pendão de armas, em lógica e beleza, houvesse um porantim sagrado de luz e a proa rutilante de uma igrarité. Agradeço-vos, pois, de novo, a escolha daquele que me recebe neste instante e a graça de vossa Justiça.

O Rumor

Andam, pelo país, sombras amargas. Velhas sombras que ainda não conseguiram dormir, tocadas pela insônia

6

dos remordimentos. São gazes flutuantes que anestésiam a memória dos fiéis da sublime Religião da Dor.

São restos de destinos que sobraram, no naufrágio do Tempo, pingenteando glórias e martírios.

E' um rumor de asas de crepe, um hálito de consciências mórvidas, que não conseguiram, sôbre a campa do Justo, imobilizar-lhe a chama.

E' um cicío, tão frágil e tão imperceptível, que marca, na cadência do seu respiro, a ânsia dos que seguem os gênios, sem empanar-lhes o lucilar vertiginoso, sem ensombrar-lhes as fosforescências do espirito.

Ouçõ êsse rumor, como um presságio, como um profundo murmúrio de grotões ignotos, como o sópro das frestas ocultas nas cavernas lóbregas, varrendo de manso as páginas da História, lambendo sonhos imarcescíveis, lamuriando-se dos erros e dos desesperos, abençoando, na sua tragédia fluida, o túmulo dos Anteus.

Ouçõ êsse rumor de música, ora epilética como um baile de ébrios, ora tristíssima como um câro de órfãos do Destino, ora grave e solene como um clamor uterino de clavicórdios, atormentando os milênios, ora aos saltos e sobressaltos como um pesadelo de trasgos e de gnomos, marcando o remorso daqueles que são indigitados de Lúçifer, para arrancar da Vida, nos atos triviais do sangue, os monumentos da Cultura e da Sabedoria!

Sôbre a lápide de Euclýdes da Cunha eu sinto êsse rumor, que não se apagará jamais, como ainda perduram os gemidos das Parcas sôbre o túmulo de Sócrates, ou os urras do mar sôbre os vestígios de Shelley...

Flor sem orvalho

Na umidade fecunda do herbário estético do Brasil, não há lugar para o monstro.

Não nasceu êle para vicejar entre palmas e vergôntees. Não era uma planta de jardim.

7

Não viveria em jarrões de sala, ao sôpro de bôças ardentes e assassinas. Não cresceria entre alfombras suaves, ouvindo beijos e murmúrios.

A natureza fê-lo sêco e exato. No anfiteatro desolado da Vida, onde medram glicínias e garras lodosas de pântanos, êle seria o cactus. Como o bárbaro dominador das caatingas, êle guardaria no coração a água pura para saciar homens e feras.

Em Alberto Rangel, num rasgão lapidar de imagem, sentimos a vocação do mártir: — "há, gravadas na tampa nua e branca de um sepulcro de Paris, um botão de rosa e as palavras: — Assim eras tu, minha filha". No túmulo de Euclides da Cunha, dever-se-á mandar esculpir a flor da passíflora, traspassada da mata para o ornato e o proveito dos nossos vergéis e a qual tem no cálice roxo ou vermelho, os símbolos do mais celebrizado dos sofrimentos humanos. Sob a corola, mágoa e glória da Paixão, caber-lhe-ia a frase, semelhante à do jazigo da criança: — "Assim eras tu..." — uma flor de martírio, com os seus espinhos e os seus cravos, coberta de um pólen fecundante em poemas!".

A flor violácea da passíflora seria o seu destino. Coberiam nela os seus instantes íntimos, quando Minos se debruçava sôbre os despenhadeiros dos seus insondáveis desalentos, cavando-os mais ainda, sob as garras de lembranças sangrentas e sombrias!

Assim desabrocharia a flor, no tabuleiro excicado do seu destino sem omôres!

Não há deserto, quando brota uma rosa de paixão. Não há solidão, quando modula a ave canora do sentimento lírico.

O seu deserto interior era trágico e famulento. Só havia a sombra circunflexa dos mandacarus, o perfil torto e selvagem das agaves gigantes.

E, nesse deserto de amor, ouvindo o lamento órfão das hienas do instinto, sentindo o chicote amargo dos

espinheiros que desfaziem coiraças de vaqueanos, mas lhe respeitaram a epiderme pálida do espírito!

Não corria, nessa imensa solidude, nem um córrego de mágoa lamentosa, nem um murmúrio de cítara passional, nem o sussurro de uma ternura simples, no vergel de uma saudade pura...

E aí ficou, para o pensamento dos homens, essa interrogação que êle nos legou num dos seus escritos, síntese terrível de um drama histórico, capaz de enternecer e de espantar: —

"Quem definirá um dia essa maldade obscura e misteriosa das coisas, que inspirou aos gregos a concepção indecisa da fatalidade?".

A "Chance"

Dos respaldos gloriosos da cultura, implantado no próprio cerne da nacionalidade, êle nos aparece como um arremêso de granito, lançado aos céus da posteridade, afirmando o Brasil.

Amo-o no esplendor do seu martírio, nas reentrâncias mais profundas de sua obra, no trabalho insano de dissecar, como um anatomista, a figura torva e apavorante dêsse Caliban do heroísmo que é o sertanejo, nosso patricio.

A obra de Euclides toca-me como se, no brandir da hasta sôbre o bronze quieto, as repercussões fôsem gritos da Raça, imprecações das Idades, choros convulsos das gerações nascentes.

Sinto-me, por inteiro, nas minhas hesitações e nos meus pesadelos. Fremo com êle, nos instantes eclosivos de minha personalidade. Abafo os soluços, quando pervago pelos seus livros tão cheios de Brasil e de sangue, de pátria e de orgulho caboclo, de esperanças e de emoções eternas!

Sou a máquina que resiste aos sobressaltos, renovando-se neste imenso amor pela terra, pelas gentes.

Não creio que me alegrasse tanto ao espírito, falar de outro cérebro, de outro escritor, como esse cujo destino parou, no espanto de um segundo, do vértice de uma alça de mira.

As suas vivências, as suas andanças, êle que foi sobretudo um simples por fora e um braseiro por dentro, tudo me conduz ao seu nicho de prostração, como se as suas palavras houvessem sido escritas no meu sangue, antes de o serem nos seus livros.

Clima físico

Costuma-se dizer, na aguda penetração da crítica literária, que, nos quadros da literatura brasileira, os escritores derivam, por três correntes diversas, do tronco euclidiano.

O gênio inspirador comoveu a tôdas as gerações.

Mesmo os artistas mais bizarros, mais secos nas suas imagens, mais desidratados nos seus conceitos sobre o Nordeste, mesmo êsses vieram da grande fonte do mago d' Os Sertões.

Vários são, ultimamente, os que se adentram, temerosos, na enorme silva euclidiana, para distorcer afirmações, reformar idéias, criticar análises, reconduzir pontos de vista, bimbalar cincerros.

Tôdas essas tentativas resultam em pura perda, como as setas do abexim ao sol do acaso.

Até lama, até escarros já ousaram lançar-lhe ao renome de aço. Escritoras balofas e incultas, azeitadas na enxúndia, pretenderam inaugurar uma época nefanda de erostratismo literário, vomitando-lhe sobre a memória e a tradição.

Ficaram no gesto insólito. Encolheram-se na insani-
dade vil. Nenhuma repercussão tiveram, porque, decidi-
damente, não é modernismo o ser-se torpe, não é modernis-
mo o ser-se bruto.

Originalidade, se existiu nesse ato de selvageria inábil, foi somente a flor excelsa da capadoçagem literária que pretende usurpar-nos o espaço intelectual.

Ficou em nada. Porque ainda estamos sob a influência do sofrimento espiritual de Euclides da Cunha.

Ainda lhe escutamos os brados heróicos nas fronteiras, os gemidos das longas noites de vigília siderante.

No meu caso, fui conhecê-lo literariamente, depois de alicerçado na modesta cultura que amalhei. O fato revela uma conclusão: — não vieram de Euclides os escritores das três correntes pelo fato de lê-lo, de estudá-lo, de senti-lo. O euclidianismo é um clima físico, é uma condição social, é uma expressão temporal de cultura.

Descobrimo o Brasil num instante em que os nossos artistas molhavam os pés na orla atlântica, de frente para a Europa, êle lançou o primeiro brado de antropogeografia brasílica emancipada. Foi um rebento alucinado de brasilidade. Criou.

Impeliu, ao infinito, a nossa inércia cabocla.

E, com o seu nervosismo, traduziu um momento com tal força, com tão deslumbrante beleza, que influiu no campo sereno do espírito, sobre dezenas de escritores que mal o haviam delectado.

Na opinião de Tasso da Silveira, quando criticou o meu primeiro livro "No Circo Sem Teto da Amazônia", esse foi um dos filões de primordial influência, que balisaram o meu destino literário.

Antes de ler Euclides, já eu era um derivado do seu clima, das trepidantes e convulsas condições bio-sociais onde êle se debatera.

Depois, ao lê-lo, voltei à origem.

Saciei-me na hispidez de sua condição mavórtica, inebriei-me com o poder miraculoso do seu estilo, quando facetou, na refulgência dos seus símbolos, a esta Amazônia que eu tanto amo.

O instante

A feição literária de hoje é uma caricatura. Uma tentativa. Uma decação. Pesquisa, investigação, esforço de teodoliteagem. Na prosa e na poética. A evolução não pede senão a glória de retornar ao esforço. Isso é renovar-se. Isso é restabelecer-se. Mesmo na História, mesmo na Ciência. Mesmo na Arte.

A confrontação de Idades só revela um mérito: — a vitória do homem e a irresistível evolução do seu pensamento.

Até aos nossos dias o homem ainda não pensou melhor do que Parmênides. A Antiguidade Clássica continua sendo uma fonte inesgotável de Beleza, de Arte e de Cultura.

Conseguimos adaptar-nos à velocidade.

O que chamamos Civilização Moderna nada mais é do que uma adaptação à velocidade. A maior preocupação do homem moderno é adaptar-se, física e psicologicamente, aos cada vez mais vertiginosos deslocamentos.

A velocidade deu ao homem a visão cósmica do Espaço. As unidades, antes simples, são hoje ano-luminosas. Os objetivos, que se resumiam aos cinco oceanos e aos sete mares (hoje três oceanos e nove mares), estão hoje situados nas órbitas de Vênus e Marte, com a Lua servindo de subúrbio sideral.

A velocidade é o signo do homem moderno. Viajar de navio, na época atual, só para desocupados, proletários ou enfermos.

E pensar maduramente, demoradamente, fecundamente, são êsses astrolábios da cultura que são os filósofos modernos, ou os historiadores, êsses repórteres do Tempo.

A forma só atende à evolução lenta e segura. As experiências de Michourin e Lizenko, emprestando saltos à natureza, foram mais tentativas demagógicas do que progressos legítimos.

A idéia, sim, é uma constante que se adapta ao Tempo e à Cultura. Esta admite novas modificações, experiências, tentativas. Admita-se, mesmo, à idéia, o plasma imortal que se eterniza na transformação, na modelagem, na criação de novos "standards", desenvolvendo ao infinito o "gene" criador de sua própria condição de existência que é o progresso.

A idéia, sim, é moderna, é atual, é um móbile. Na forma, o homem se repetirá sempre, aos ciclos.

Retornará infatigavelmente aos pontos essenciais da conquista e jamais se afastará da Natureza, que é a repetidora milenar de experiências biológicas.

Em Euclides da Cunha tivemos o surto emocional da sociologia brasileira.

Num gesto teatral, embora sóbrio e elegante, êle conseguiu que o gigante desse meia volta para encarar, num hiato da admiração à Europa, a tremenda realidade sertaneja.

Demonstrou que não era necessário mergulhar no passado para evocar as lamentações de Jeremias, os arroubos corruscantes de um Jasão, a coragem decidida de Horácio Cocles, as manhas estratégicas de Tróia, a ferocidade de Sagunto, a imensa romaria espetacular de Gengis Khan, os relevos surpreendentes do deserto persa ou a bruteza de músculos e choques dos nômades e cartaginêses.

Ali, em Canudos, na covanca de um chapadão de desgraças, o Brasil fecundava uma raça de Teseus e de Saturnos!

O Sal e o deserto, numa simbiose de titãs, plasmaram no homem um similar de Anteu.

A força de resistência, a coragem da ação, a bravura decisiva, a vertiginosa agilidade maleável, a afoiteza da ignorância e a divina loucura da ingenuidade, tudo se

caldeou no íntimo do jagunço, dando ao Ocidente uma página heróica, de uma larga auréola histórica e sentimental.

Euclides foi, nesse momento, o testemunho vigilante, o repórter astuto, o observador surpreso, o cientista rebelado, o político emocionado, o sociólogo empolgado.

Encontrara, nos sicômoros e descalvados da caatinga, o molde para o gigante do seu sociogenismo caboclo.

Não foi uma porta que se esancarou à História: — foi um abismo que se rasgou aos pés da nossa inércia de observação.

De um lado e do outro das trincheiras de análise há um sentido confuso. Nem só de pão vive o homem.

Euclides, se não foi o cientista, como tanto desejou ser, afirmou, sem dúvida, a sua enorme capacidade de retratista de fatos.

Foi um repórter-escritor, foi um vanguardeiro da técnica de narrar, comendo a terra e o homem nos seus tropos de incrível fascinação estética.

Foi um grande repórter. E, como repórter, associou-se à catástrofe moral, que precedeu e ultimou ao quadro insólito.

Canudos foi um centro motor de agitação social. Foi uma rebelião de classes e sistemas. Foi uma centrifugação inconsciente de fatores sociais, agindo no sentido de uma transformação.

Ali, nos aclives da savana rude, o Brasil assistiu, estatelado, ao seu mais poderoso drama.

Não era uma guerra civil, não era uma revolução programada, não era um movimento separatista.

Era um dealbar de tragédia humana, no cadinho social, os fracos, os oprimidos, exilados em sua própria gleba, que se levantavam, eriçados de chuços e bacamartes, contra os seus opressores.

Ninguém queria outras regimens, ninguém desejava outro Deus. Conselheiro, barbudo e bárbaro, trazendo na singeleza das linhas o traço físico do Iluminado, doente de desajustamento, conduziu ao redor de si manadas de fanáticos.

Fanáticos de quê? Por acaso lutavam no Oriente, contra o crescente maometano e as cimitarras de Saladino?

Fanáticos de quê? Por acaso conduziam flâmulas estranhas, bandeiras diversas, cores diferentes, na sua arrancada cega?

Fanáticos de quê? Porventura usavam fardos inimigas, falavam idioma exótico, buscavam novas formas de governo?

Fanáticos de quê? Rezavam em nome de outros oragos, benziam-se com a mão esquerda como os maometanos, sua cruz era dupla ou torta, como a "swástica"?

Fanáticos de quê? Desejariam eles despedaçar o Brasil, torná-lo inóspito ao sabor latino, ensombrar-lhe a História com o sangue dos simples?

Ao cair das tardes, muitas vezes no dorso das lombadas, projetando a sua sombra, comprida e magra como a de um profeta, abrangendo a região com o seu olhar vulturino, Antonio Conselheiro representava a estátua do desespero indefinido, a surda exclamação de revolta do seu povo, contra o abandono, a solidão e o crime!

A sua bandeira era a da oposição à injustiça social, a sua religião, num sincretismo idólatra, reunia orixás africanos e santos do agiologismo católico, e sua palavra de ordem, seca e rápida, era um chispar de fogo entre as sarças ardentes...

Fanáticos de quê? Da lealdade! Eram fanáticos do ódio, da obediência inflexível, da disciplina leiga, das mais intrínsecas vontades e das qualidades mais puras, que nascem da terra comburida, do sertão maninho, dos talhos torcicolantes dos capoeiras.

Eram fanáticos de um homem, no qual eternizavam tôdas as suas crenças e tôdas as suas virtudes. Não estava ali, na onda jagunça de Conselheiro, uma tropa militarizada, cujo sentido obedecesse à triangulação dos regimentos.

As ordens de Conselheiro havia milhares de caricaturos dêle mesmo, milhares de corações iguais ao seu, milhares de brasileiros esfolados de sol, batidos na exploração do trabalho, abandonados como párias, desprezados como feras, bons, na suprema bondade que desce da natureza, aglomerados pela necessidade e pela esperança, essas duas bússolas das rebeliões sociais!

Eram fanáticos da lei biológica, traída pela lei política!

Analisando o fato, inexorável como uma tragédia de Esquilo, Euclides da Cunha foi um grande repórter, um formidável escritor. Como cientista, sua visada mediu-se em ângulos errôneos. As suas fontes foram inadotadas, desajustadas, sem contagem própria. Quis encarpugar o nordeste e o jagunço com as toucas da moda científica em voga. E eles não se ajustaram à realidade.

A sua suprema injustiça ao mestiço merece um reparo. Por incrível que pareça, por desatinado que semelhe, foi o "mestiço neurastênico do litoral" quem dilatou as Tordezilhas, quem afastou os meridianos, quem plantou cidades, quem criou o Brasil!

Se não se nega, e isso é absurdo querer, o poderoso contingente de resistência do sertanejo, é de se ver que, entre os bravos de Macambira e Antônio Beatinho, a maioria era de mestiços, como entre os alucinados de Henrique Dias e Camarão, como entre os centauros loucos da Laguna, como entre os construtores dos cafêzais de S. Paulo, dos canaviais de Pernambuco e Campos, dos cacauais da Bahia e, sem dúvida, como entre os heróis da Cabanagem, da Sabinada, da Confederação do Equador e os irresistíveis de Monte Castelo, Soprassasso e Montése.

Errô científico que humilha àqueles que constituíram no passado e representam hoje, nesta luta indômita pela emancipação econômica do Brasil, a própria base humana da nacionalidade!

Esse um dos erros capitais do gênio mestiço. Esse um dos seus tropeços mais candentes.

A visão científica, calcada em Hartt, em Taine e seu visceral positivismo, em Martius e seu protestantismo alucinante, em Buckle e seu enfeitiçante mas monotônico "determinismo geográfico", em Huxley, inteiramente mergulhado no seu materialismo naturalista, em Gumpowicz, um campeão do racismo, haveria de ser errônea e vacilante.

Pretendeu projetar na sociedade humana, a tortuosa realidade telúrica, como causa, da qual a dor social seria o efeito.

A influência mesológica se traduziu como um fator predominante na análise euclidiana. Na ambivalência contrastante entre a orla marítima e o tabuleiro do agreste, jogou êle com as concausas do imenso drama social do jagunço.

Ao lado disso, o escaimento de um clima desanimador, um ambiente cálido de deserto, e a profunda miscigenação que, servindo a êle de fatores de explicação, não conduzem, de fato, a nenhum raciocínio positivamente científico, como causas individualizadas.

Analisando a Amazônia, desencontrou-se de novo, na observação do jacumaúba. Em brilhante citação de Dorian Freire, um moderno exato, Euclides explicava que "o calor húmido das paragens amazônicas deprime e exaure. Modela organizações toliças em que tôda atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais: inteligências marasmáticas, adormidas sob o explodir das paixões: inervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparados ou refeitos pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas"...



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**